



INFLUÊNCIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCRITA INICIAL

GARCIA, Daiani de Jesus¹; MIRANDA, Ana Ruth Moresco².

^{1,2} Programa de Pós-Graduação em Educação – FaE/UFPeI
Alberto Rosa, 154 – CEP 96010-770. daianijg@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Desde a década de 80, estudos sobre diversos fenômenos de variação do português falado no Brasil têm sido realizados (Guy, 1981; Naro & Scherre, 1993). Mas somente a partir da década de 90 começaram a ser desenvolvidos os que tratam de variação nos processos de aquisição da escrita, embora ainda escassos. Este estudo insere-se nesta linha de investigação ao procurar estabelecer uma ligação entre as variedades linguísticas e as grafias iniciais a fim de contribuir para a discussão da relação entre análises sociolinguísticas e alfabetização.

No processo inicial de aquisição da escrita, o aluno, algumas vezes, pode reproduzir sua fala, registrando alterações de pronúncia decorrentes de sua variedade dialetal. Para Bortoni-Ricardo (2004), há um *continuum* de urbanização da variedade rural à variedade urbana culta, no qual se observa dois tipos de regras variáveis: as descontínuas e as graduais. As primeiras dizem respeito àqueles traços dialetais mais estigmatizados e as últimas a traços presentes em todos os dialetos, independentes de seu prestígio, como ‘prastico’ para *plástico* e ‘canta’ para *cantar*, respectivamente.

Com base na relação entre a oralidade e a escrita e na influência da variedade dialetal, este trabalho tem como objetivo descrever e analisar os tipos de erros³ referentes à notação ortográfica cometidos por alunos de uma escola pública de zona rural na 1ª e 4ª séries.

2. METODOLOGIA

Os dados analisados neste estudo foram extraídos de textos produzidos por crianças de 1ª e 4ª séries do ensino fundamental de uma escola pública de zona rural da cidade de Pelotas/RS. Todos os textos foram produzidos de maneira espontânea através de oficinas de produção textual aplicadas pela pesquisadora.

Foram escolhidas a 1ª e a 4ª séries porque elas representam o início do processo de escolarização e o final das séries iniciais, período em que os alunos têm

³ A palavra “erro” é aqui fundamentada na concepção piagetiana de “erro construtivo”. O erro seria, portanto, não um problema, mas uma fase de experimentação por parte da criança.

contato com apenas um professor, que é o responsável pelo ensino da leitura e da escrita.

Este estudo é um recorte de uma pesquisa maior na qual serão descritos e analisados dados de escrita de crianças pertencentes a três grupos sociolinguísticos distintos, a saber: crianças de duas escolas públicas, uma de zona urbana de periferia e outra de zona rural, e crianças de uma escola particular.

Para este trabalho foram selecionados doze textos, sendo seis de cada série. O critério utilizado para seleção dos textos foi a maior incidência de erros ortográficos. Serão descritos apenas aqueles erros que se relacionam, de alguma forma, com a oralidade, considerando o escopo da pesquisa.

Os erros relacionados à influência da oralidade foram extraídos dos textos dos alunos e classificados de acordo com as seguintes categorias: assimilação, alçamento da vogal, rotacismo, substituições, epênteses e omissões de segmentos ou sílabas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O levantamento dos erros ortográficos nos doze textos analisados bem como a classificação dos dados, de acordo com a ideia da presença na escrita de traços descontínuos e graduais, estão apresentados na tabela 1, a seguir:

Tabela 1

| Tipos de erro | 1ª série | 4ª série |
|--------------------------------|--|---------------------------------------|
| // > /r/ | plantando > prantando | - |
| Assimilação | capinando > capinano comendo > comeno plantando > plantano | - |
| Epêntese (Ø > i) | vez > veiz | mas > mais |
| Desnasalização | vieram > viero | - |
| Alçamento da pré-tônica | menino > minino | enxada > inxada |
| r > Ø (infinitivo) | plantar > planta capinar > capina espantar > espanta | pintar > pinta pensar > pensa |
| lh > l | espantalho > espantaglio | - |
| Aférese | estava > tava | - |
| Monotongação | pegou > pego lavoura > lavora | pouquinho > poquinho |
| Hipossegmentação | daqui a pouco > decapouco | |
| i > in | - | muito > muinto irritado > inritado |
| l > u | - | balde > baude |

Conforme os dados mostram, a maioria dos erros encontrados é referente a presença de traços graduais, ou seja, características presentes na fala de todos os

brasileiros. A seguir serão comentados os erros de acordo com o agrupamento proposto na tabela.

// > /r/: o rotacismo é uma regra variável muito produtiva nos falares rurais e rurbanos (Bortoni-Ricardo, 2004). Além dos fonemas // e /r/ serem, do ponto de vista articulatório, muito semelhantes, a forma 'prantando' é a grafiação de um fenômeno de fundamento histórico, uma vez que na passagem do latim vulgar para o português, vê-se o grupo consonântico *pl-* evoluindo para *pr-*, como em *implicare* > *empregar*, comprovando ser esta uma tendência fonética natural da língua (cf. Simões, 2006). Apesar disso, as trocas dessas líquidas, como em *plantando* > *prantando*, são bastante estigmatizadas, visto que apresentam traço descontínuo.

Assimilação: a assimilação ocorre quando numa sequência de sons homorgânicos ou semelhantes, um adquire traços do outro. Isso é bastante comum nos gerúndios e é o que ocorre nos exemplos já mencionados (*capinano* por *capinando*; *comeno* por *comendo*; *plantano* por *plantando*). A assimilação da dental no grupo consonântico *-ndo* não ocorre apenas em falares rurais ou rurbanos e inclusive já foi objeto de estudo de Mollica (1998) que, sob o prisma da sociolinguística variacionista, detectou os fatores linguísticos e extralinguísticos propiciadores de tal fenômeno na fala carioca.

Epêntese: a pronúncia popular desenvolve uma semivogal (conforme os exemplos encontrados: *vez* por *vez* e *mais* por *mas*) que parece realçar tanto a tonicidade do monossílabo quanto a clareza do travador /s/ (cf. Simões, 2006).

Desnasalização: é comum, na linguagem cotidiana coloquial, a desnasalização das formas de terceira pessoa do plural, como no exemplo encontrado, em que o aluno grafou 'viero' como variante de 'vieram'. Nas sílabas finais átonas, o travamento nasal tende a ser suprimido e, conforme Bortoni-Ricardo (2004), como há várias formas convencionadas de se representar o travamento nasal, torna-se componente de difícil apreensão pelos alfabetizandos.

Alçamento da pré-tônica: o alteamento da pré-tônica como em 'minino' para menino e 'inxada' para enxada é um fenômeno bastante comum no português brasileiro. Portanto, não há qualquer estigma negativo em relação a esta pronúncia.

r > Ø (infinitivo): o morfema marcador de infinitivo não se manifesta foneticamente no português brasileiro na maioria das vezes em que essa forma é pronunciada. Segundo Simões (2006), a presença de uma semivogal ou de uma consoante no declive silábico pode resultar, por conta de um certo abafamento do som vocálico, em um complicador de pronúncia, o que levaria o falante a buscar um mecanismo de simplificação fônica. Desta forma, então, o falante tenderia a buscar a realização da sílaba canônica CV, apagando o travador da sílaba. Foi o que os alunos fizeram em 'planta', 'capina', 'espanta', 'pinta' e 'pensa'.

lh > l: é comum ocorrer a troca da líquida palatal pela líquida alveolar em virtude da complexidade articulatória e fonológica da primeira.

Aférese: a perda da sílaba inicial 'es' do verbo 'estar' é um traço generalizado no português brasileiro, especialmente nos estilos não-monitorados.

Monotongação: conforme Mollica (1998), tanto do ponto de vista sincrônico quanto do ponto de vista diacrônico, tal fenômeno é observável na língua oral. A perda da semivogal, principalmente no ditongo /ow/, é uma regra tão avançada que praticamente não mais a pronunciamos. Tal processo ocorre tanto em sílabas átonas (como em 'poquinho' por pouquinho) como em sílabas tônicas que, geralmente, são mais resistentes às mudanças (como em 'pego' por pegou e 'lavora' por lavoura). De acordo com Bortoni-Ricardo (2004), pelo fato da regra de monotongação do /ow/

estar tão generalizada na língua oral, até mesmo em estilos monitorados, é preciso dedicar muita atenção à sua produção escrita desde o começo do processo de alfabetização.

Hipossegmentação: no caso do ‘decapouco’, a criança hipossegmenta a expressão ‘daqui a pouco’, em que há a ressilabação em busca da sílaba canônica CV. No entanto, preserva a semivogal do ditongo demonstrando já ter internalizado essa regra ortográfica.

i > in: há de se considerar dois casos distintos aqui, pois, apesar de termos agrupado em um mesmo item os dois exemplos encontrados, consideramos que ocorreram por processos distintos. No caso de ‘muinto’ por ‘muito’ há uma natural perturbação, visto ser este vocábulo excepcional no sistema fônico da língua, uma vez que é o único item em que a nasalização da vogal é provocada pela presença da consoante nasal que a antecede na sílaba. No português, a nasalização de vogais se dá por efeito das consoantes nasais que vêm após as vogais como em ‘anda’ ou ‘tinta’, por exemplo. Diferente é o caso de ‘inritado’, em que a epêntese da nasal se dá unicamente por motivação fonológica, visto que é corrente tal uso na variedade dialetal do grupo ao qual o aluno pertence.

l > u: o /l/ pós-vocálico é geralmente produzido como a semivogal /w/, por isso é natural que no processo de aquisição da escrita ocorram estas trocas como, por exemplo, na grafia de ‘baude’ por ‘balde’.

Cabe mencionar que existem tipos de variação presentes em todo o território nacional. O apagamento do ‘r’ de infinitivo ou a monotongação do /ow/, por exemplo, ocorrem independentemente do estrato social. Dessa forma, alguns fenômenos fonológicos serão considerados ‘problemáticos’, somente se transpostos para a escrita, visto que na sua produção oral não implicarão consequências de qualquer natureza para seus usuários. Ao passo que, em outros casos, tais fenômenos fonológicos variáveis implicarão consequências aos seus usuários tanto na fala quanto na escrita, visto serem as variantes utilizadas, marcas de indicadores sociais que recebem valoração extremamente negativa, como nos casos de rotacismo e, em muitos lugares, da assimilação da dental no grupo consonântico -ndo.

4. CONCLUSÕES

Esta é ainda uma análise bastante preliminar. No entanto, por meio dos dados descritos e analisados, parece haver fortes indícios de que apesar de existir influência das variações linguísticas no processo de aquisição escrita dos alunos, esta se minimiza à medida em que avançam nas séries escolares. Podemos perceber que as marcas de variantes que carregam maior estigma negativo foram encontradas mais na primeira do que na quarta série.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- GUY, G. **Linguistic Variation in Brazilian Portuguese:** Aspects of the phonology, syntax, and language history. University of Pennsylvania PhD dissertation. Published: Sydney: Sydney University, Department of Linguistics, 1981.
- MOLLICA, M, C. **Influência da fala na alfabetização.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

NARO, A. J. & SCHERRE, M. M. P. Variação e Mudança Lingüística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. In: **Cadernos Estudos Lingüísticos** Campinas (20): 9-16, Jan/Jun. 1991.

SIMÕES, D. **Considerações sobre a fala e a escrita**: fonologia em nova chave. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.